A LINGUAGEM TELEVISIVA NA SALA DE AULA

Andrea Garcez

TAVARES, Marcus. A Linguagem Televisiva na Sala de Aula. Multifoco; Rio de Janeiro, 2009.

“A linguagem televisiva na sala de aula”, de Marcus Tavares, originou-se de sua pesquisa de Mestrado, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, entre os anos de 2005 e 2007. O objetivo era identificar de que forma a linguagem televisiva estava presente na sala de aula de duas escolas do Rio de Janeiro e em que medida esta presença contribuía para a construção da identidade das crianças.

O livro está organizado em cinco capítulos, que passam a ser apresentados a seguir.

No primeiro capítulo o autor apresenta a pesquisa aos leitores. Trata-se de uma pesquisa sobre a relação que se estabelece entre crianças e a linguagem da televisão no espaço da sala de aula, em duas escolas municipais do Rio de Janeiro, localizadas em bairros que se diferenciavam por apresentar o maior e o menor número de equipamentos culturais da cidade (Centro e Deodoro). O pesquisador escolheu a 4ª série (atual quinto ano do Ensino Fundamental), cujos alunos tinham nascido na metade da década de 90, período em que a grande maioria dos domicílios brasileiros possuía aparelhos de televisão, além de ser um importante momento de encerramento de um ciclo da vida escolar, onde a criança “adquire e desenvolve habilidades e competências necessárias para expressar sua opinião, seus desejos e suas necessidades, tanto sob a forma oral quanto sob a forma escrita.” (p. 20) Valendo-se de um referencial multidisciplinar que incluiu Martín-Barbero, Bakhtin, Vygostsky, Smolka, Da Matta, Kramer, Barbosa e Silva, entre outros, e utilizando-se da observação e do questionário com crianças, pais e professores, o autor constrói um panorama sobre a presença da televisão nas duas escolas pesquisadas.

O segundo capítulo traz uma ampla revisão de literatura. Tavares o inicia enumerando uma série de razões para dirigir o olhar sobre a TV e sua relação com crianças e escola: a televisão é um fenômeno sem precedentes na história da humanidade, está presente em todas as classes sociais, sua linguagem ocupa grande destaque na vida das pessoas e impacta o dia a dia dos seres humanos, apresentando valores, modelos e padrões de comportamento. O autor exemplifica de várias formas como, no Brasil, a televisão constitui um forte elo da identidade nacional e discute, trazendo Umberto Eco, as consequências disso a partir de um ponto de vista “integrado” ou “apocalíptico”, colocando-se a favor de uma posição intermediária, onde “de um lado a TV amplia e possibilita um maior acesso aos conhecimentos. Mas, de outro, ela

também apresenta modelos, padrões e valores que acabam – de certa forma – sendo impostos de uma forma homogeneizadora e não reflexiva.” (p. 43)

A seguir o autor apresenta resultados de pesquisas e discussões de diversas áreas como a Comunicação, Psicologia e Neurologia sobre a linguagem televisiva e o fascínio que ela exerce sobre as crianças.

A noção de criança que orienta a pesquisa, entendida como ser ativo, que possui “de acordo com sua idade e seu contexto sociocultural, uma série de experiências, assim como os adultos” (p. 48), é apresentada, seguida de uma discussão sobre a constituição das identidades fragmentadas, múltiplas e voláteis, próprias do mundo contemporâneo e que são constituídas também a partir dos modelos e padrões apresentados pela televisão. Tavares salienta, no entanto, que “as crianças não são vítimas de um inescapável determinismo, não são meros receptores passíveis” (p. 54)

O autor finaliza sua revisão de literatura discutindo o papel da escola neste contexto de identidades voláteis, de proliferação de recursos midiáticos e tecnológicos que redefinem espaços, tempos e borram fronteiras. As crianças mudaram. A escola, de certa forma, também: recebeu novas demandas, passou a não ser mais a detentora exclusiva do saber, seu papel é discutido, redefinido, assim como seu currículo, o papel do professor, etc. Apesar disso, a escola não vê a TV como objeto de discussão, como mostram as pesquisas citadas pelo autor (Baccega, Belloni, Citelli, Fischer, Penteado, Simões e Ramal). “Dessa forma, a televisão se transforma numa escola paralela na qual crianças de todas as idades e classes sociais, assim como os adultos, constituem conhecimentos e valores de uma forma mais atraente, sedutora e interessante do que o dia a dia da escola.” (p. 69)

No terceiro capítulo são apresentados e discutidos os resultados da pesquisa. O autor afirma que “a linguagem televisiva está, de fato, presente nas duas escolas pesquisadas, independente da vontade e do trabalho desenvolvido pelas instituições e/ou pelos professores.” (p.73) A linguagem televisiva está presente nos modos de falar, de escrever, de se vestir, nas roupas, nos cadernos, etc. Nesse capítulo são encontradas ainda as categorias de análise criadas pelo autor a partir dos questionários respondidos pelos alunos, pais e professores das duas escolas pesquisadas e registros minuciosos feitos pelo pesquisador em seu caderno de campo. Essas categorias tiveram como base 16 categorias que serviram como hipóteses antes da entrada no campo. A partir da empiria e da leitura e releitura dos referenciais teóricos, o autor as redimensiona, até chegar a cinco categorias: ideia de grupo, entendimento do mundo, linguagem, imaginário e brincadeira.

Segundo o autor, a *ideia de grupo* é impactada pela linguagem televisiva: meninas e meninos se vestem igual, brincam das mesmas coisas, possuem objetos (mochilas, tênis, cadernos) semelhantes e compartilham os mesmos assuntos, geralmente comentários sobre os programas televisivos ou comerciais assistidos.

Entendimento do mundo: Tavares observou que as crianças conferem credibilidade às informações que recebem da TV. Elas utilizam esses conhecimentos para resolver problemas do seu dia a dia, escrevem sobre os diferentes assuntos em suas redações e até nas respostas das provas. Nas palavras do autor: “estamos diante de um

grupo que entende, compreende e interage com um mundo a partir da tela da televisão.” (p. 87) Entre os vários exemplos citados sobre a influência da linguagem televisiva no entendimento de mundo das crianças, está a resposta de uma menina na avaliação de Geografia e História, sobre a Funai: “eu vi na TV que uma índia tinha fugido da tribo, pois o filho dela tinha nascido com deficiência e os índios matam os deficientes. Ela fugiu com ele e foi direto para a Fundação Nacional dos Índios.” (p. 91)

A *linguagem* das crianças da pesquisa estava impregnada pela linguagem da televisão, nas gírias, na linguagem gestual utilizadas por elas e na estrutura narrativa das redações; assim como seu *imaginário*, nas crenças, nos desejos, nos sonhos – “meu sonho é ser modelo”, “se eu fosse jogador, eu queria jogar no Real Madri, no Flamengo e em Barcelona” (p. 97) -e suas *brincadeiras*. Estas estavam atravessadas pela linguagem televisiva tanto nos apelidos de personagens de filmes, programas humorísticos, novelas, desenhos animados e comerciais, quanto nas brincadeiras inspiradas nos desenhos animados ou até nas brincadeiras de fazer televisão, mostrando uma expertise das crianças em relação aos bastidores, mecanismos de captação de recursos, etc., como no exemplo dado na página 101, onde um grupo de meninos brincava de produzir um programa de TV:

- *É um programa de TV? (Pesquisador)*
- *É um telejornal. (Menino X)*
- *Sobre o quê? (Pesquisador)*
- *Temas sobre violência e sexo. Sabe, nossa produção não tem muito dinheiro. Esses temas elevam bastante nossa audiência, com isso ganhamos mais com propaganda, hehehehe. (Menino X)*
- *O estojo serve para quê? (Pesquisador)*
- *Hehehehe, é a nossa câmera. Enquanto há briga, a audiência é ótima. (Menino X)”*

O quarto capítulo discute como os pais, o entorno da escola, o nível socioeconômico das famílias e a relação dos professores com a TV influem na relação das crianças com a TV e a construção de suas identidades. Os pais exercem forte influência sobre o uso que as crianças fazem da televisão e o entendimento que tem dela. Tanto para os pais quanto para as crianças, a TV serve para informar, educar e entreter. O entorno da escola e o nível socioeconômico das famílias também contribuem para uma diferente relação das crianças com a televisão, ainda que essas diferenças sejam tímidas. A figura do professor não interfere na relação que as crianças têm com a televisão, mas, interfere drasticamente na forma como sua linguagem se faz presente na sala de aula.

O quinto e último capítulo é dividido em 17 tópicos, onde Marcus Tavares responde aos questionamentos iniciais e relativiza as hipóteses levantadas, bem como levanta novos questionamentos e formula novas hipóteses. Entre elas a de que o contexto vivido e experimentado pelo professor, a relação que este estabelece com a televisão, desde sua infância, seja o que exerça realmente um diferencial na interface entre a escola e a televisão.

O livro tem uma linguagem clara e é de fácil leitura, ao mesmo tempo em que aprofunda o tema e se ancora em uma ampla bibliografia, talvez como um reflexo da formação do autor, que é jornalista, professor e especialista em mídia e educação. Um ponto alto da leitura são as falas das crianças e trechos de redação, encontrados principalmente no capítulo três. Mais do que exemplos, o autor abre espaço no texto para “ouvirmos” as crianças.

Outro ponto que merece destaque é o cuidado que o autor demonstra, durante todo o livro, em informar ao leitor como a pesquisa foi sendo construída, desde a escolha dos instrumentos a como as categorias de análise foram reorganizadas e redefinidas. Desta forma o livro é uma importante referência, tanto para interessados pelo tema da relação entre crianças e televisão e a construção de identidades, quanto para aqueles que se aventuram a fazer pesquisa em Educação.